

Etnobotânica Xucuru: espécies místicas

Valdeline Atanazio da Silva¹
Laise de Holanda Cavalcanti Andrade²

Laboratório de Etnobotânica e Botânica Aplicada
Departamento de Botânica, Universidade Federal de Pernambuco
Av. Prof Moraes Rego, s/n, Cidade Universitária
Recife, PE, CEP: 50670-901.

¹ e-mail: vass@npd.ufpe.br

² e-mail: lhc@netpe.com.br

Aceito para publicação em 28/09/2001

Resumo

A tribo Xucuru, grupo indígena pernambucano, é um dos sete remanescentes do estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. O toré é o principal ritual místico da tribo, cuja prática representa atualmente um resgate do “ser Xucuru”. Ao dançarem o toré, os Xucuru freqüentemente usam vestimentas, ornamentos, instrumentos musicais e bebida. A bebida que compõe o ritual, chamada jurema, tem como base a *Mimosa tenuiflora* (Wild.) Poir. Esta bebida é característica dos rituais de vários grupos indígenas nordestinos e permite, segundo os Xucuru, uma maior integração entre o índio (indivíduo) e os “encantados” (espíritos de antepassados), funcionando, ainda, como estimulante para os participantes do ritual. Quinze espécies (75% do total levantado) vegetais (nativas e introduzidas) são utilizadas pelos Xucuru em banhos mediúnicos (contato/limpeza contra os

espíritos), uma como amuleto (castanha de caju, como proteção contra picada de cobra), três como defumador (folhas secas e queimadas, usadas, para afastar maus espíritos e aromatizar o ambiente) e duas na produção de cigarro (apesar de ser hábito comum entre os Xucuru, a planta utilizada em geral, tem origem no mercado e é chamada "fumo brabo"). As espécies místicas estão distribuídas nas seguintes famílias: Anacardiaceae (1 espécie), Arecaceae (1 espécie), Aspleniaceae (1 espécie), Bignoniaceae (1 espécie), Euphorbiaceae (2 espécies), Labiatae (6 espécies), Leguminosae (2 espécies), Meliaceae (1 espécie), Musaceae (1 espécie), Poaceae (1 espécie), Polypodiaceae (1 espécie), Rutaceae (1 espécie), Verbenaceae (1 espécie). Estas espécies utilizadas para fins místicos podem ser nativas ou introduzidas e mostram a diversidade de uso e importância cultural das plantas para estas tribos.

Unitermos: plantas místicas, etnobotânica, etnobotânica indígena, indígenas brasileiros.

Summary

The Xucuru, an indigenous group of Pernambuco, is one of seven tribes remaining in the State. The Toré is their principal mystic ritual and it represents the revitalization of old customs. The ritual drink, called jurema, is made by scraping the bark of *Mimosa tenuiflora* (Wild.) Poir. While in Toré ritual's the Xucuru use vestment, ornaments, musical instrument and jurema drink. This drink is characteristic of many indigenous groups from northeastern Brazil. The Xucuru people believe that this drink permits the integration among the Xucuru and their dead spirits. Other species are used in different ways: fifteen (75% of registered totality) in mediumistic bathing (contact/cleanness against bad spirits), one in amulet (cashew nut, to avoid snake bite), three in smoking (to repel bad spirits), two for cigars, despite the habit of

Xucuru, the custom species used in general is from the market and is named "fumo brabo". The families observed in this study were Anacardiaceae (one species), Arecaceae (one species), Aspleniaceae (one species), Bignoniaceae (one species), Euphorbiaceae (two species), Labiatae (six species), Leguminosae (two species), Meliaceae (one species), Musaceae (one species), Poaceae (one species), Polypodiaceae (one species), Rutaceae (one species), Verbenaceae (one species). That used species for the mystic's rituals are native and introduced and show the diversity and cultural importance of use of plants to this tribe.

Key words: mystical plants, ethnobotany, indigenous ethnobotany, Brazilian Indians.

Introdução

As plantas estão inseridas na maioria dos rituais de grupos indígenas (Turner e Efrat, 1982), mas a sua utilização varia de acordo com as necessidades e a cultura de cada grupo. Algumas destinam-se à comunicação com os deuses, outras à libertação de maus espíritos ou proteção, enquanto outras visam, ainda, a cura de doenças e/ou servem de alimento (Cavalcanti e Frikel, 1973; Joly et al., 1987; Prance, 1987).

O uso de plantas como estimulantes e/ou narcóticos, encontrado entre os indígenas sulamericanos, sempre envolto em mistérios, despertou o interesse de pesquisadores botânicos (Elisabetsky, 1987) e de outras especialidades. Muitas dessas espécies são hoje utilizadas na indústria farmacêutica na produção de diferentes medicamentos, como por exemplo: analgésicos e antiespasmódicos. Entre os índios que habitam a região amazônica, é possível observar a diversidade de plantas empregadas como narcóticos e venenos, cada tribo apresentando suas próprias espécies. Entre elas incluem-se o caapi ou

ayahuasca (*Banisteriopsis caapi*), principal alucinógeno utilizado nesta região (Elisabetsky, 1987).

Este trabalho tem por objetivo ampliar o conhecimento etnobotânico sobre grupos indígenas brasileiros, em especial nordestinos, pesquisando o uso de plantas místicas e/ou alucinógenas presentes nos rituais dos Xucuru, um dos sete grupos indígenas de Pernambuco, estabelecido na região agreste do estado.

Material e Métodos

Os estudos foram efetuados na Aldeia Pedra D'Água, uma das 18 aldeias da tribo Xucuru, localizada na Serra do Ororobá (PETI, 1993), próxima à sede do município de Pesqueira-PE (8° 21' 30" S e 36° 41' 45" WG) (FIAM, 1994).

Os Xucuru encontram-se presentes na Serra do Ororobá desde antes de 1600 (Fialho, 1992) e vêm travando intenso contato com outros grupos desde então. O grupo indígena distribui-se em 18 aldeias, onde existem 4750 índios, não contabilizando os que moram em Pesqueira (sede do município), e proximidades (PETI, 1993). Cada uma dessas aldeias tem um representante que leva os problemas da comunidade ao cacique.

A hierarquia Xucuru apresenta a seguinte organização: o cacique, principal líder, o conselho de índios, formado por homens de confiança do cacique e respeitados pelos membros de todas as aldeias, que resolve problemas de interesse da tribo, e o pajé, que também participa do conselho. Esse conselho é quem dá a palavra final sobre qualquer problema que ocorra na tribo (Fialho, 1992).

Realizou-se coletas, durante 12 meses consecutivos, de cada espécie utilizada pelos Xucuru, de acordo com as informações fornecidas pelos indígenas. Material representativo

das espécies estudadas, em fase reprodutiva ou estéril, foi depositado no herbário UFP, da Universidade Federal de Pernambuco.

Adotando indicação dos Xucuru, utilizaram-se como informantes seis membros da comunidade, com idade variando de 45 a 65 anos: M^a José, Quitéria, Zé de Santa, Adjar, Roberto e Zenilda, sendo o principal informante o Sr. Adjar, cujo amplo conhecimento sobre o ambiente botânico da região é reconhecido pela tribo, pois dentre os outros informantes observou-se uma ausência de conhecimento, em relação ao saber pertencente ao Sr. Adjar. Realizou-se entrevistas informais com outros membros da tribo sobre o uso e nome indígena de cada planta, propriedades e particularidades da espécie, para confirmar as informações obtidas em campo.

Resultados e Discussão

As espécies de uso místico entre os Xucuru são utilizadas (75%) para banhos mediúnicos, ritual que visa eliminar mau-olhado, limpar os caminhos ou apenas entrar em contato com os encantados (Tabela 1). Um pequeno percentual é usado como defumador ou na fabricação de cigarro, vestimentas e adornos ritualísticos ou da bebida jurema.

No preparo do banho mediúnico, as plantas são maceradas em água ou preparadas em decocto; são utilizadas tanto espécies introduzidas (*Ocimum basilicum* – manjerição), como nativas (*Piresia leptophylla* – acanfor de remédio; *Lippia* cf. *microphylla* – alecrim de caboclo).

TABELA 1 – Plantas utilizadas pelos Xucuru (Pesqueira-PE) em banho mediúnico.

Taxon	Nome Vulgar	Parte da Planta Usada	Uso
Aspleniaceae <i>Asplenium formosum</i> Wild.	avenca mirim	planta toda	decocto
? Bignoniaceae (Não coletada)	cruá pé branco	folhas	maceração em água
Euphorbiaceae <i>Croton pulegioides</i> Baill	zabelê	folhas	decocto
<i>Croton sonderianus</i> Muell. Arg.	canelinha de caboclo	folhas	maceração em água
Labiatae <i>Ocimum basilicum</i> L.	manjerição	folhas	maceração em água
<i>Ocimum campechianum</i> Mill	alfavaca	folhas	decocto
<i>Hyptis</i> cf. <i>umbrosa</i> (L.) Poit	aleluia de serrote	folhas	maceração em água
<i>Hyptis</i> sp1.*	viçosa	folhas	decocto
<i>Hyptis</i> sp2.*	alfazema de caboclo	folhas	maceração
Leguminosae <i>Myroxylum</i> sp.*	juduê	casca e folhas	decocto
Meliaceae <i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer	jító	folhas e cascas	decocto
Poaceae <i>Picesia leptophylla</i> Soders	acanfor de remédio	planta toda	decocto
Polypodiaceae <i>Microgramma vacciniifolia</i> (Langs & Fich.) Copel.	salambaia	planta toda	decocto
Rutaceae <i>Ruta graveolens</i> L.	amuda	folhas	maceração em água
Verbenaceae <i>Lippia</i> cf. <i>microphylla</i> Cham.	alecrim de caboclo	folhas	decocto

* Estéril

Ocimum campechianum (= *O. micranthum*), conhecida como alfavaca, embora não seja nativa, é facilmente encontrada nos quintais próximos às residências Xucuru. Segundo informam os entrevistados, estas plantas levam ao transe, permitindo a incorporação de espíritos, que atuarão na proteção do indivíduo, curando-o física e espiritualmente, como também propiciam o

contato entre os Xucuru e os antepassados, sem que a intenção seja a cura. Algumas plantas usadas pelos Xucuru para este fim têm o epíteto “caboclo” ligado a seus nomes vulgares, indicando seu uso como planta mística, como por exemplo alecrim de caboclo (*Lippia* cf. *microphylla*), alfazema de caboclo (*Hiptis* sp. 2) e canelinha de caboclo (*Croton sonderianus*).

Embora não seja muito comum na literatura etnobotânica brasileira o uso de pteridófitas como plantas místicas, entre as plantas registradas para o banho mediúnico encontram-se *Asplenium formosum* e *Microgramma vaccinifolia*, conhecidas na tribo como salambaia e avenca mirim, respectivamente. Na literatura mundial, umas poucas espécies de pteridófitas, pertencentes a diferentes famílias, são citadas como místicas. No norte do Brasil, *Trichomanes vittaria* e *Selaginella amazonica*, por exemplo, são empregadas em banhos, para acalmar e atrair felicidade. Entre os Noruegueses, existe a crença que as cinzas de *Driopteris filix-max* tem o poder de fazer o homem compreender a língua dos animais (May, 1978); no Peru, *Lomariopsis japurensis* é planta mística e considerada como alucinógena (Murillo, 1983). Nos cultos afro-brasileiros praticados no nordeste do Brasil, Albuquerque et al. (1996/1997) recentemente registraram o uso de *Lygodium volubile* e *Lygodium venustum* para fins de banhos de limpeza.

O Xucuru carrega freqüentemente consigo a castanha de caju (*Anacardium occidentale*), como um amuleto, para evitar picada de cobra. O fruto desta espécie é também utilizado pela tribo como alimento e o chá da entre-casca incluído entre os remédios empregados no tratamento de inflamação útero-ovariana, pelo mesmo grupo (Silva e Andrade, 1998). Entre outras tribos brasileiras, o cajú também se apresenta útil como planta medicinal (contraceptiva, antigripal, antidiarréica), alimentícia e sua madeira é empregada na construção (Cavalcanti e Friel, 1973; Glenbolski, 1983; Prance et al., 1987; Boom, 1990; Ribeiro, 1990; Milliken et al., 1992). Todavia, não foram encontradas referências a seu uso como planta mística em outras comunidades.

Folhas secas queimadas são usadas pelos Xucuru como defumador, para limpar os caminhos ou apenas perfumar o ambiente (Tabela 2). Também aqui se incluem espécies introduzidas, como *Rosmarinus officinalis* (alecrim), mas são as nativas, como *Hyptis* sp. 2 (alfazema de caboclo), *Lippia* cf. *microphylla* (alecrim de caboclo) e *Croton sonderianus* (canelinha de caboclo), as mais utilizadas para este fim.

TABELA 2 – Plantas utilizadas pelos Xucuru como amuleto, defumador ou cigarro.

Taxon	Nome Vulgar	Parte da Planta usada	Uso
Anacardiaceae <i>Anacardium occidentale</i> L.	caju	castanha	amuleto
Euphorbiaceae <i>Croton sonderianus</i> Muell. Arg.	canelinha de caboclo	folhas (secas)	defumador e cigarro
Labiatae <i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	folhas (secas)	defumador
Verbenaceae <i>Lippia</i> cf. <i>microphylla</i> Cham.	alecrim de caboclo	folhas (secas)	defumador e cigarro

O uso do tabaco é comum em quase todas as tribos da América do Sul e Central e algumas vezes tem finalidade medicinal/ritual (Cooper, 1987). O hábito de fumar é também comum entre os Xucuru e o fazem de forma intensa, utilizando, mais freqüentemente, produtos que comprem na cidade, como por exemplo o “fumo brabo”, ao invés de produtos originários de seu ambiente. As folhas de *Croton sonderianus* (Euphorbiaceae) e *Lippia* cf. *microphylla* (Verbenaceae) são empregadas na fabricação de cigarros e aparentemente possuem propriedades alucinógenas (Tabela 2). Embora os informantes tenham citado estas espécies como úteis na produção de cigarros, não se observou seu uso durante o trabalho de campo. Apesar de ser hábito comum, não se constatou uma forte ligação fumo-

ritual, como também não foram observados rituais de cura onde os cigarros pudessem ser utilizados.

Ao dançarem o Toré, os índios freqüentemente usam vestimentas, ornamentos, instrumentos musicais e a bebida jurema, produzidos a partir de espécies vegetais nativas ou introduzidas, mostrando a diversidade de uso e a importância cultural das plantas para esta tribo (Tabela 3). O tacó, roupa confeccionada com folhas de *Musa paradisiaca* (banana) ou de *Cocos nucifera* (coco da bahia), é usado por cima de roupas do dia a dia; colares de sementes de *Coix lacrima-jobi* e colar de palha de *Musa paradisiaca*, também compõem a indumentária. O jupago, feito de ramos de qualquer espécie, é utilizado por algumas pessoas como espécie de taco, que marca o compasso das músicas cantadas. A maraca (cuia cheia de sementes), que marca o ritmo das músicas, é feita de cuité, cuja espécie não pôde ser identificada, por não ser encontrada na área estudada (provavelmente trata-se de uma Bignoniaceae, do gênero *Crecentia*), conhecida por este nome no agreste de Pernambuco.

TABELA 3 – Plantas utilizadas pelos Xucuru no ritual do Toré.

Taxon	Nome Vulgar	Parte da Planta Usada	Uso
Arecaceae <i>Cocos nucifera</i> L.	coco	folhas	saia do Toré
Leguminosae <i>Mimosa tenuiflora</i> (Wild.) Poir.	jurema preta	cascas	maceradas em água
Musaceae <i>Musa paradisiaca</i> L.	banana	folhas	saia do Toré
? Bignoniaceae Espécie não coletada	maraca	cuia	instrumento musical (sementes dentro da cuia)
Poaceae <i>Coix lacrima-jobi</i> L.	lágrima de Nossa Senhora	sementes	colares e pulseiras
Diversos	jupago	ramos	instrumento musical

Um elemento importante no ritual do Toré é a bebida jurema, produzida a partir das cascas de *Mimosa tenuiflora*, Leguminosae regionalmente conhecida como jurema preta. Nas diferentes regiões do Brasil, o nome jurema é aplicado a espécies taxonômicas distintas, pertencentes a diferentes famílias, como Mimosaceae, Verbenaceae e Asteraceae. Segundo os informantes, ao retirar a casca da planta para a preparação do vinho da jurema, o coletor, normalmente do sexo masculino, deve pedir permissão aos ancestrais para fazê-lo, através de orações. Algumas mulheres de confiança (idosas ou respeitadas na tribo), participantes ativas do ritual, podem coletar a casca, mas nunca se estiverem menstruadas. Após ralada, a casca é colocada em infusão em água quente e deixada em repouso, para fermentar; para que a bebida fique mais forte, podem utilizar em seu preparo açúcar e milho.

A bebida parece ser energética desde que as pessoas que consomem a bebida durante o ritual afirmam conseguir forças para dançar o Toré por longas horas, sem se cansar. A indicação de espécie alucinógena baseia-se no fato dos Xucuru relatarem que conseguem incorporar ou se comunicar com espíritos de antepassados com mais facilidade se ingerirem a bebida. Durante a pesquisa de campo foi observado uma das mulheres que dançavam comunicando-se com o pajé como se fosse um antepassado seu, e o mesmo ouvia atentamente o que lhe dizia a senhora. Todavia, constatou-se que para alguns membros da tribo, o transe é possível sem a ingestão da bebida.

Diferentes pesquisas já realizadas com *Mimosa tenuiflora* comprovam seu efeito narcótico e alucinógeno, que podem ser atribuídos à presença de N, N-dimetiltriptamina; contudo, esta substância é ativa apenas se introduzida em grandes quantidades por via oral (Schultes, 1979; Elisabetsky, 1987).

A jurema, como bebida, pode incluir outros componentes, como plantas aromáticas; em algumas comunidades, a

beberagem é preparada com as raspas da raiz, o que poderia modificar sua absorção pelo organismo (Albuquerque, 1997). Em outras, são incluídos outros componentes, além das raspas do caule da *Mimosa tenuiflora*, como o milho e o açúcar entre os Xucuru.

O presente estudo deixa evidente que, no atual momento da cultura Xucuru, espécies exóticas se encontram incorporadas ao seu universo botânico, estando presentes até mesmo entre as espécies que estão ligadas a suas crenças e seus rituais religiosos.

Agradecimentos

Ao WWF (Fundo Mundial para a Natureza) e CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo financiamento do presente trabalho. Aos Curadores dos Herbários PEUFR, IPA e UFP pelo auxílio na identificação do material botânico. Aos taxonomistas Geraldo Mariz, Ulysses Paulino de Albuquerque, Iva Carneiro Leão Barros, Marcus Vinícius Alves, Leonardo Pessoa Felix, pela confirmação de identificação de parte do material botânico.

Referências bibliográficas

- Albuquerque, U. 1997. Etnobotânica: uma aproximação teórica e epistemológica. **Revista Brasileira de Farmácia**, **78** (3): 60-64.
- Albuquerque, U.; Barros, I. C. L.; Chiapetta, A. A. 1996/1997. Pteridófitas utilizadas nos cultos afro-brasileiros em Recife-PE: um estudo etnobotânico. **Biológica Brasileira**, **7** : 23-30.
- Boom, B. M. 1990. Useful plants of the Panare indians of the Venezuelan Guayana. **Advances in Economic Botany**, **8**: 57-76.

Cavalcanti, P. B.; Frikel, P. 1973. A farmacopéia Tiriyo. **Museu Paraense Emílio Goeldi**, Publicações avulsas, **4**: 158.

Cooper, J. M. 1987. Estimulantes e Narcóticos. In: Ribeiro, B. (ed.). **SUMA Etnológica Brasileira**, vol. 1. 2ª ed. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 302 pp.

Elisabetsky, E. 1987. Pesquisas em plantas medicinais. **Ciência e Cultura**, **39** (8): 697-702.

FIAM 1994. **Perfil Municipal do Interior de Pernambuco**. Fundação de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco, Recife, 105 pp.

Fialho, V. R. de P. e S. 1992. **As fronteiras do ser Xucuru: Estratégias e conflitos de um grupo indígena no Nordeste**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, 135 pp.

Glenbolski, L. L. 1983. **The ethnobotany of the Tukuna indians, Amazonas, Colombia**. Dissertação de mestrado, Alabama University, Tuscaloosa, USA, 95 pp.

Joly, L. G.; Guerra, S.; Séptimo, R.; Solís, P. N.; Correa, M.; Gupta, M.; Levy, S.; Sandberg, F. 1987. Ethnobotanical inventory of medicinal plants used by the Guayami indians in western Panamá. Part I. **Journal of Ethnopharmacology**, **20**: 145-171.

May, W. L. 1978. The economic uses and associated folklore of ferns and fern allies. **Botanical Review**, **44** (4): 491-528.

Milliken, W.; Miller, R. P.; Pollard, S. R.; Wandelli, E. V. I. 1992. **Ethnobotany of the Waimiri Atroari indians**. Royal Botanic Gardens, Kew, Londres, 146 pp.

Murillo, M. T. P. 1983. **Usos de los helechos en suramerica com especial referencia a Colombia**. Instituto de Ciencias Naturales, Universidad Nacional, Bogotá, 211 pp.

PETI. 1993. **Atlas das terras indígenas do Nordeste**. Ed. Museu Nacional, Rio de Janeiro, 12 pp.

Prance, G. T. 1987. Etnobotânica de algumas tribos Amazônicas. In: Ribeiro, B. (ed.) **SUMA Etnológica Brasileira, vol. 1, Etnobiologia**. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, p. 119-133.

Prance, G. T.; Balée, W.; Boom, B. M.; Carneiro, R. L. 1987. Quantitative ethnobotany and the case for conservation in Amazônia. **Conservation Biology**, 1(4): 296-310.

Ribeiro, B. 1990. Classificação dos solos e horticultura Desana. In: Posey, D. A. (ed.) **Proceedings of the first international congress of ethnobiology: Ethnobiology – Implications and Applications, vol. 2**. Ed. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, p. 27-49.

Schultes, R. E. 1979. Indícios da riqueza etnofarmacológica do noroeste da Amazônia. **Acta Amazônica**, 9(1): 209-215.

Silva, V. A.; Andrade, L. H. C. 1998. Etnobotânica Xucuru: plantas medicinais. **Revista Brasileira de Farmácia**, 79(1/2): 33-36.

Turner, N. J.; Efrat, B. S. 1982. Ethnobotany of Hesquiat indians of Vancouver island. **Cultural Recovery Paper**, 2: 1-99.